

La internacionalización de las narrativas de Eliane Brum: análisis de la proyección de sus columnas en el diario *El País*

A internacionalização das narrativas de Eliane Brum: análise da projeção de suas colunas no jornal *El País*

The internationalization of the narratives of Eliane Brum: analysis of the projection of her columns in the newspaper *El País*

Jesús Miguel Flores Vivar¹, Abib Tayane Aidar²

Resumen

Desde que las operaciones del periódico español, *El País*, empezaran en Brasil, en 2013, la periodista Eliane Brum firma una columna quincenal en la versión brasileña del portal, también traducida y publicada para las ediciones digitales de *El País América* y *España*. Considerando el alcance de *El País* en los países de habla hispana, este artículo se dedica a analizar acerca de la internacionalización de las producciones de Brum. Para ello, se basa en una investigación de campo llevada a cabo en la sede de la redacción, en Madrid, y en la recogida de datos aportados por los profesionales del periódico. Finalmente, a esos primeros apuntes se añade un estudio interpretativo de los tres textos de Brum con mayor accesibilidad por los lectores hispanos en 2016, de tal forma que permite evidenciar los rasgos de su estilo narrativo bajo la epistemología complejo-comprensiva de Künsch.

¹Jesús Miguel Flores Vivar (España). Profesor Titular de Periodismo de la Universidad Complutense de Madrid; Visiting Professor at RCC Harvard University y Erasmus Teaching Staff Mobility en Università di Roma "Sapienza" y Università degli Studi Firenze (Italia). En 2005, fue Fundador y Codirector del Observatorio de Periodismo en Internet; y en 2016, promotor y cofundador de la Red ITC (Red de Investigación Interdisciplinar em Tecnología y Comunicación, Cibercultura y Nuevos Géneros Audiovisuales). Es miembro-experto de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación (AE-IC). ORCID 0000-0003-1849-5315. Su cuenta de e mail es: jmflores@ucom.es

²Abib Tayane Aidar (Brasil). Doutoranda em Comunicação na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Mestre e jornalista formada pela mesma instituição. Realizou estágios de pesquisa no Centro de Investigação Media e Jornalismo, associado à Universidade Nova de Lisboa (2014), e no Internet Media Lab, associado à Universidad Complutense de Madrid (2017). ORCID 0000-0003-2110-6640. Su cuenta de e mail es: tayaneabib@faac.unesp.br

Recibido: 27 de marzo de 2019
Aceptado: 16 de abril de 2019
Publicado: 7 de junio de 2019

Razón
y Palabra

Primera revista digital
en Iberoamérica
especializada en Comunicología



Pontificia Universidad
Católica del Ecuador



Palabras-clave

Periodismo, columnas, *El País*, América Latina, España, Eliane Brum.

Abstract

Since the operations of the Spanish newspaper, *El País*, started in Brazil in 2013, the journalist Eliane Brum signs a fortnightly column in the Brazilian version of the portal, also translated and published for the digital editions of *El País América* and *El País España*. Considering the scope of *El País* in Spanish-speaking countries, this article focuses on the internationalization of Brum's productions. To do this, it is based on a field research carried out at the headquarters of the editorial staff, in Madrid, and on the collection of data provided by the newspaper's professionals. Finally, to these first notes is added an interpretative study of the three texts of Brum with greater accessibility by the Hispanic readers in 2016, in such a way that allows to evidence the features of her narrative style under the complex-comprehensive epistemology of Künsch.

Keywords

Journalism, columns, *El País*, Latin America, Spain, Eliane Brum.

Resumo

Desde o início das operações do jornal espanhol *El País* no Brasil, em 2013, a jornalista Eliane Brum assina uma coluna quinzenal na versão brasileira do portal, também traduzida e publicada nas edições digitais do *El País América* e *Espanha*. Considerando o alcance do *El País* nos países de língua hispana, este artigo se dedica a analisar a internacionalização das produções de Brum. Para tanto, baseia-se em uma investigação de campo realizada na sede da redação, em Madrid, e na coleta de dados junto aos profissionais do jornal. Por fim, a esses apontamentos iniciais, acrescenta-se um estudo interpretativo dos três textos mais acessados de Brum pelos leitores hispanos em 2016, de forma a evidenciar as marcas de seu estilo narrativo, sob a epistemologia complexo-compreensiva de Künsch.

Palavras-chave

Jornalismo, columnas, *El País*, América Latina, Espanha, Eliane Brum.

Introdução

A trajetória jornalística de Eliane Brum é marcada por distintas dinâmicas produtivas no contexto noticioso. Após trabalhar mais de vinte anos como repórter de mídia impressa – no diário *Zero Hora*, de Porto Alegre (1989-1999), e na revista *Época*, em São Paulo (2000-2010) –, Brum atualmente se dedica a escrever colunas na internet, publicando quinzenalmente seus artigos na edição digital do periódico espanhol *El País*. Neste percurso, também teve a oportunidade de lançar seu primeiro romance, “Uma Duas”, em 2011, e de se envolver com a produção de quatro documentários – “Uma História Severina”, em 2005, “Gretchen Filme Estrada”, em 2010, “Laerte-se”, em 2017, e “Eu+1 – uma jornada de saúde mental na Amazônia”.

A essa investigação, no entanto, interessa um recorte temporal que contemple a recente caminhada narrativa de Brum no *El País*, iniciada em novembro de 2013, com a instalação de uma redação do diário em São Paulo e o lançamento de um portal de notícias brasileiro. Precisamente porque a partir desses anos, a carreira de Brum deu um salto além-fronteiras: seus textos passaram a ser traduzidos ao espanhol e veiculados nas versões digitais do *El País* América e do *El País* Espanha, extrapolando, assim, os limites nacionais.

Considerando essa nova perspectiva que se desenha à prática jornalística de Eliane Brum, sob o alcance do *El País* nos países de língua hispana, este artigo se propõe a desenvolver apontamentos iniciais acerca da internacionalização das produções de Brum e, conseqüentemente, refletir sobre a repercussão do jornalismo brasileiro em âmbito internacional – tendo em vista que Brum é uma das jornalistas mais premiadas do país, e portanto, apresenta notável visibilidade externa.

Neste sentido, as análises que aqui tomam lugar fundamentam-se em dados coletados na redação-sede do jornal *El País*, em Madrid – cujos procedimentos serão detalhados adiante –, de modo a projetar-se como um primeiro panorama acerca da internacionalização de sua carreira jornalística. A essas considerações, acrescenta-se um estudo interpretativo dos três textos de Eliane Brum mais acessados pelo público hispano no ano de 2016, com vistas a identificar as marcas de seu estilo narrativo e os elementos que caracterizam sua escrita, partindo da matriz teórica da epistemología complexo-compreensiva (Künsch, 2005; Morin, 2007).

Metodología

O presente artigo resulta de uma pesquisa de campo realizada na sede do diário *El País*, em Madrid, na Espanha, durante os meses de janeiro de fevereiro de 2017, e que consistiu no desenvolvimento dos seguintes procedimentos: entrevistas semiabertas junto aos profissionais do periódico e coleta de dados quantitativos e qualitativos fornecidos pela redação do jornal no México – responsável por gerir a publicação hispana do veículo e tratar da tradução e publicação das colunas de Eliane Brum.

Assim, os dados e apontamentos aqui tecidos baseiam-se nas considerações e informações cedidas pelos entrevistados das três direções do *El País* implicadas nesta dinâmica – Brasil, América e Espanha -, e abordam as etapas e aspectos nela envolvidos: a estratégia de expansão do *El País* à América Latina, o interesse do diário em publicar os artigos de Eliane Brum em suas outras edições, o proceso de tradução deste material, e sua repercussão em âmbito internacional, isto é, a investigação sobre os assuntos que mais interessaram aos leitores hispanos em 2016 e sua projeção no portal do *El País*.

Com o objetivo de qualificar esses dados, entrelaça-se uma análise interpretativa sobre as colunas de Brum, na busca por evidenciar as características mais notáveis de seu contexto produtivo e os aspectos que delimitam a configuração narrativa de seus textos. A hipótese que se levanta neste estudo é que seus artigos se apresentam como uma interface de géneros jornalísticos e revelam uma abordagem convergente à proposta de Künsch (2005) de uma epistemología que associe os conceitos de Complexidade e Compreensão (Morin, 2007) ao Jornalismo e à Comunicação. Ao promover diálogos com essa matriz teórica, espera-se indicar perspectivas que ampliem o entendimento acerca da projeção de Eliane Brum e do interesse internacional por seu trabalho jornalístico.

A prática jornalística de Eliane Brum no diário *El País*

A origem do periódico *El País*, pertencente ao maior conglomerado midiático da Espanha, o grupo Prisa, remonta ao período de transição política espanhola, após a Guerra Civil e a morte do ditador Francisco Franco. Como explica, em entrevista, Thiago Ferrer (2017), redator do *El País*, em Madrid, a evolução da imprensa madrileña está profundamente atrelada a esses dois fatos históricos: “nesta época, a maior

parte dos jornais foi incautada pelo governo, e a imprensa não franquista foi distribuída entre as diferentes facções que o apoiaram durante a guerra. A imprensa era extremamente partidária”. É neste cenário que surge o *El País*, em 1976, com o objetivo de fazer um jornalismo moderno, “baseado nos valores europeus fundamentais, de democracia e liberdade, mas com uma gestão profissional”.

Conforme detalha Andrea Rizzi (2017), redator-chefe de Internacional, da edição de Madrid, o periódico sempre teve, desde sua criação, “una línea estratégica prioritaria de expandir sus actividades en América Latina”. Em 1992, inaugurou uma sucursal na capital do México, responsável por gerir uma edição própria, e, em 2012, decidiu instalar uma nova redação, encarregada de desenvolver a edição digital do *El País América*.

Impulsionada pelas facilidades de alcance do jornalismo em rede, e sob o projeto iberoamericano defendido pelo diário, a ampliação do *El País* se estendeu nos anos seguintes a mais três países – Brasil, Buenos Aires e Bogotá. A redação do Brasil, segundo o diretor de redação no país, Antonio Jiménez Barca (2017), conta, atualmente, com 14 jornalistas e dois correspondentes, um no Rio de Janeiro e outro em Brasília. Apesar de um início limitado, com poucos leitores e profissionais, Jiménez Barca avalia a trajetória do diário como progressiva, com um avance contínuo de audiência há quatro anos, e um pico de leitores no período do proceso de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, em agosto de 2016.

Sobre os investimentos do jornal fora da Espanha, Rizzi comenta que, a despeito do cenário complexo de crises financeiras, o *El País* busca, além de assegurar uma presença no mercado latino, consolidar-se como um periódico global:

Estamos expandiendo las redacciones, tenemos cada vez más periodistas trabajando en el continente, y estamos muy motivados en intentar ofrecer a los lectores del continente, tanto de habla castellano, como en Brasil, en portugués, un producto periodístico que nos distinga y que creemos que hasta nos fortalezca. Que junte una información internacional, una información económica sólida, una mirada global del mundo, que creemos que podremos ofrecer con cierta fortaleza y siendo competitivos con medios locales que pensamos que no siempre, digamos, ofrecen este tipo de producto periodístico a los lectores, en muchos países de Latino América. (Rizzi, 2017, arquivo pessoal).

O entrevistado Thiago Ferrer (2017) considera que o éxito do diário, especificamente no Brasil, onde alcançou a marca de sexto jornal mais lido, pode dever-se a dois fatores característicos da mídia brasileira: a cultura classista e provinciana do país. O repórter brasileiro, que reside há 30 anos na Espanha, acredita que esses elementos são como lacunas dos meios nacionais – uma espécie de vazio, no qual o *El País* encontrou espaço para uma inserção:

O provincianismo é evidente quando você vê que não existe um jornal nacional brasileiro, todos são jornais mentalmente muito locais. Quero dizer, mesmo que O Globo tenha vocação nacional, não deixa de ser um jornal extremamente carioca. Depois, está o classismo. A imprensa brasileira está muito orientada para as classes sociais de onde vem o leitor e de onde vem o anunciante.(...) Essa perspectiva de uma imprensa que tem uma preocupação com a sociedade como um todo, e não apenas com o leitor, essa perspectiva, eu acredito, é parte importante do sucesso que está tendo o *El País* na hora de obter leitores no Brasil. (Ferrer, 2017, arquivo pessoal).

Neste sentido, Ferrer aponta que o diferencial do veículo está na cobertura de temas sociais, tais quais educação, direitos humanos e direitos das mulheres, subvertendo, assim, uma perspectiva que, conforme sua visão, não é usual na grande mídia brasileira: “Esses pontos de vista estão chamando a atenção do leitor. Alguns desses temas sociais têm chegado a estar entre os artigos mais lidos do *El País* como um todo”. (Ferrer, 2017).

Deste modo, o interesse do *El País* em dispor, em seu quadro de profissionais, uma jornalista como Eliane Brum, e de publicar seus textos em suas outras edições, converge com essa mirada, conforme explica o diretor do *El País* América, Luis Padros de la Escosura:

Eliane tiene una escritura muy personal y su escritura es tan brasileña que trasciende las fronteras. Ella cuenta Brasil de una manera que ha conseguido interesar a mucha gente en otros países tratando temas que no suelen estar en la agenda convencional de los medios o de las columnas habituales que se leen en prensa. Las columnas de Eliane son originales y globales al tiempo que locales. Por otra parte, un periódico global como EL PAÍS debe buscar nuevas referencias literarias y servir de puente entre diferentes culturas periodísticas. (Escosura, 2017, arquivo pessoal).

También Jiménez Barca (2017), diretor do *El País* no Brasil, acredita que o estilo de Brum consegue superar fronteiras e atrair o público:

Por ejemplo, la columna que ella escribió sobre en enero de 2017 sobre la muerte de su padre. Es una materia muy personal, que ella extrapola después para hacer una materia acerca del sistema de salud brasileño. El sistema de salud brasileño es muy parecido con lo de Argentina, Colombia, etc. Y ella habla también de una situación que ocurre en España: la impersonalidad de los médicos, es decir, usted no puede decidir cómo quiere morir. (Barca, 2017, arquivo pessoal).

A isso, Jiménez Barca acrescenta a característica de Brum de transparecer seus posicionamentos na escrita do textos – aspecto de comum indentificação na imprensa europeia, mas difícil de se verificar no Brasil. O resultado é que sua cobertura sobre questões contemporâneas, ainda que relativas à cultura brasileira, trata de reflexões que interessam a outras partes do mundo, fundamentalmente a leitores de língua hispana – uma vez que ampliam a possibilidade de compreensão de um cenário social externo, através de análises contextuais.

Os comentarios de Rizzi (2017) a respeito das ações do periódico para assegurar público em diversas localidades parecem confirmar essas percepções. O redator-chefe pondera que a busca do *El País* é “hablar a los lectores españoles, a los latinoamericanos y resto del mundo, desde el país que sea, con profundidad”, uma vez que acreditam que não há muitos diários, nestas regiões, que discutam a fundo a realidade internacional. Considerando o próprio panorama brasileiro, Rizzi indica que há um nível de interesse alto, por parte da opinião pública brasileira, “mucho más alto que en otros países europeos, debido a los lazos históricos y lingüísticos que unen este país al continente”.

Neste sentido, acredita-se que a singularidade da mirada jornalística de Eliane Brum está entrelaçada à decisão do *El País* em publicar seus textos em todas as suas edições digitais. Como destacaram os responsáveis pela redação brasileira e latina, o estilo narrativo de Brum diverge da configuração clássica dos meios tradicionais. Para Óscar Curros, tradutor das colunas de Eliane Brum do português ao espanhol, e que acompanha o trabalho da jornalista há quatro anos, pensar em coluna, no caso da dinâmica produtiva de Brum, é quase como pensar em romance:

As columnas dela são textos muito complexos, porque a gente ainda chama de columna, mas, na verdade, é quase um gênero novo. Em muitos casos, é uma grande reportagem, ou ensaios, e até metarrelato, porque muitas vezes ela fala de como ela constrói as histórias, a perspectivas dela. Então columna, nesse caso, é quase como dizer romance. O romance é um gênero que cabe tudo, e muitas das columnas envolvem uma parte de reportagem e uma parte de opinião também. (Curros, 2017, arquivo pessoal).

Esse modo de narrar de Eliane Brum, que conjuga diferentes formatos textuais e dialoga com múltiplos contextos, é o que mais chama a atenção de Jiménez Barca: “ella tiene una manera de hacer un artículo muy original. Porque no es una columna de opinión, no es un reportaje, no es una crónica, y sin embargo, está todo junto. Su manera de escribir es muy personal. Ella ha llegado a tener un estilo propio”. A essas columnas, que abordam vivências universais, questões históricas, políticas e culturais, o diretor do *El País* no Brasil assim se refere: “el género es Eliane Brum. Ella escribe una columna que es Eliane Brum”.

Essa arquitetura que permite caminhar por distintos géneros advém, em certa medida, das possibilidades de inovação potencializadas com a internet. Entre as mudanças jornalísticas evidenciadas pela bibliografia especializada em webjornalismo, como os recursos de hipertextualidade, multimidialidade, interatividade e instantaneidade (Canavilhas, 2014; Flores-Vivar e Esteve, 2009; Cebrian, 2005; Salaverría, 2008), é preciso destacar outra característica, nem sempre abordada pela literatura como um potencial digital, mas assim assumida por Brum em sua escrita no ambiente online: a profundidade, a ampliação de vozes e a complexidade narrativa – facilitadas pela ausência de limitação espacial do suporte rede.

De acordo com Brum (2014, arquivo pessoal), a possibilidade de reunir diferentes horizontes interpretativos representa uma postura de resistência à mídia convencional como narradora hegemónica desde o século XX: “o que a mídia tradicional não conta é contado de outras maneiras. O que é acontecimento e o que não é acontecimento se tornou hoje algo muito mais complexo, porque as disputas estão muito mais acirradas, se ampliaram os narradores”. Sob esta perspectiva, trata-se de identificar a web como um instrumento de expansão

de mundos, de promover uma espécie de horizontalização para que a história em pauta tenha cada vez mais matizes e contradições.

A essa ampliação de narradores, acrescenta-se a possibilidade de romper limitações espaciais e temporais. Brum (2013, p. 16) identifica, assim, no meio digital, uma forma de tecer textos densos, iluminando os diferentes ângulos dos fatos: “a internet mudou o mundo – e também o meu mundo. Realizou aspirações que eu tinha e outras que nem sabia ter. Eu não precisava mais de páginas-livro. Os textos agora podem ter o tamanho que exigirem”. Seu trabalho jornalístico na internet, portanto, caracteriza-se por uma apropriação do espaço digital como caminho para explorar os meandros dos temas contemporâneos, propor indagações e qualificar o debate:

O que é importante, e é uma coisa que eu tento marcar não só falando, mas fazendo, especialmente nesses últimos anos pela minha coluna, é que, no momento em que a gente não precisa mais passar pela disputa do espelho – aquilo que vai ou não entrar e com que tamanho ou destaque vai entrar - a internet nos permite resgatar os textos de profundidade. Não tem limite de tamanho, em cada texto faz parte descobrir que tamanho ela vai ter. Tem espaço para tudo. (Brum, 2014, arquivo pessoal).

Para Brum, a questão chave reside, então, em um aprofundamento da essência do jornalismo, isto é, o movimento da reportagem: um processo de despojamento e de abertura ao Outro, para preencher-se com seus sentidos e visões de mundo. Durante seu trabalho como repórter de impresso, no diário *Zero Hora* e na revista *Época*, tal dinâmica era muito evidente e manifesta, sobretudo, por uma sensibilidade aos detalhes do cotidiano e pelo envolvimento intersubjetivo com suas fontes. Como colunista, esse traço parece se conservar, como indica Brum (2013, p. 14): “e assim começou minha coluna, desde o início marcado pelo fato de que sou uma repórter escrevendo uma coluna de opinião”.

Isso porque sua prática jornalística, mesmo na internet, continua a ser marcada pelo interesse de imbricar-se – com pessoas ou questões, com anônimos ou com assuntos pouco discutidos pelos meios tradicionais. É notável, neste sentido, que seu *modus operandi* ainda se fundamenta na abertura que permite aprofundar novos significados e contextos, na busca por aproximar-se aos detalhes, às esquinas nem sempre visíveis – e, também, às questões que orientam nosso

momento histórico e nossa vida em sociedade. Sua escrita, por assim dizer, seja de reportagens ou colunas, nasce de uma entrega profunda da jornalista – sob um processo de adesão ao cenário que está implicada:

Uso parte do processo de reportagem para escrevê-la: parto de um espanto e início uma investigação movida pelas dúvidas. Minha busca é por iluminar os cantos escuros dos acontecimentos e, principalmente, acrescentar novos questionamentos ao cotidiano dos leitores. Penso que qualificar as questões sobre nosso tempo histórico é mais importante do que concordar ou discordar de uma ideia. Tudo isso é o que me move a escrever a coluna (Brum, 2013, arquivo digital).

Sua intenção, com as colunas, é levantar questionamentos entre seus leitores, fomentando reflexões sob novas e distintas perspectivas, de modo a buscar novos ângulos para mirar. Essa é uma atitude que a própria jornalista empreende consigo mesma, de tal forma que lhe seja possível adentrar universos estranhos aos seus. Suas pautas, portanto, movem-se sempre pelas dúvidas, seja em géneros informativos ou opinativos. E retratam o olhar a momentos históricos específicos, buscando tatear além dos contornos óbvios e das camadas superficiais.

Eu escrevo sobre a vida misturada, para além dos escaninhos das editorias, e com mais de um estilo, porque cada história pede um ritmo diverso e palavras próprias. E acho que nunca me misturei tanto quanto ao escrever essa coluna. Se as divisões arbitrarias de cultura, comportamento, economia, politica etc. – ou variações similares – servem para organizar a publicação, qualquer jornalista sabe que uma boa reportagem ou um bom ensaio ou uma boa coluna é misturada, porque a vida não se deixa compartimentar. (Brum, 2013, p. 15).

Neste cenário que conjuga novas possibilidades e valores constantes de produção, há que se refletir sobre a prática jornalística de Brum no ambiente digital, com especial interesse em compreender a configuração narrativa de seus escritos. Conforme indicado por Brum, seu estilo dialoga com a demanda dos assuntos abordados e se caracteriza por envolver diferentes universos em um mesmo pensamentos. Sendo assim, propõe-se analisar suas colunas sob a matriz epistemológica que se denomina, na linha dos estudos de Künsch (2005), Complexo-Compreensiva.

Projeção internacional das produções jornalísticas de Eliane Brum, sob uma perspectiva Complexo-Compreensiva

A apresentação dos resultados desta investigação consiste em qualificar os dados fornecidos pela direção do *El País* América através do estudo interpretativo das três colunas de Brum mais vistas por leitores hispanos, fundamentando-se as análises em uma associação dos conceitos de Complexidade e Compreensão (Morin, 2002) ao jornalismo. Sob tal perspectiva, a intenção é destacar as contribuições de uma mirada articuladora à prática jornalística, isto é, um olhar que valorize a abertura compreensiva aos fenômenos e pessoas, à percepção do *complexus*, “o que tece em conjunto, e responde ao apelo do verbo latino *complexere* ‘abraçar’”. (Morin, 2002, p. 7).

Desde a segunda metade do século XX, a noção de complexidade é abordada pelo pensador francês sob o propósito de “sensibilizar para as enormes carências de nosso pensamento”. (Morin 2007, p. 15). Na visão do sociólogo, a patologia moderna da mente reside em uma ‘hipersimplificação’ que não permite ver a complexidade do real. Sua crítica é direcionada ao pensamento ocidental que, durante a História, obedeceu aos comandos de um paradigma de disjunção.

As consequências dessa simplificação, segundo o autor, são o predomínio de uma visão multiladora e unidimensional que, quanto aos fenômenos humanos, se traduz na “incapacidade de conceber a complexidade da realidade antropológica, em sua microdimensão (o ser individual) e em sua macrodimensão (o conjunto da humanidade planetária)”. (Morin, 2007, p. 13).

Quando se articula ao saber comunicacional, tal qual propõe Künsch (2005), fortalece uma ética cognitiva que privilegia o múltiplo e a relação entre sujeitos. Trata-se de uma ruptura ao discurso da objetividade e da racionalidade positivista, em direção à pluralidade e à multicausalidade. A dinâmica jornalística investida de uma postura complexo-compreensiva resiste à tendência da explicação, de uma visão estreita que se apropria de discursos reducionistas. Ao contrário, lança-se ao risco de entrelaçar diferentes abordagens:

Uma epistemologia complexo-compreensiva valoriza probabilidades de conexões. Percebe a realidade com suas diversas formas e múltiplos sentidos. Entende que o

pensamento das monocausalidades não ajuda a construir uma narrativa que realmente dê conta das demandas da sociedade contemporânea. (Künsch, 2010, p. 204).

Ao universo do jornalismo, a complexidade então se manifesta como a possibilidade de construir enredos com menos conclusões e mais explorações, no sentido de busca invocado pelo diálogo. Em alusão à Künsch, narrativas com menos sentidos conclusivos de 'portanto' e mais posturas indagativas de 'talvez':

O ponto de vista da complexidade convoca o viajante a se enfronhar pelas veredas da contextualização. Dos textos e de seus contextos. Do diálogo com diferentes perspectivas. Traz para a rede de conversação também os saberes comuns (...) Tanta gente. Polifonia. (Künsch, 2010, p. 17).

Essa matriz conceitual se reveste de profundo significado ao se unir ao signo da compreensão. Em concordância com o argumento de Maffesoli (2010, p. 17), "em vez de cortar com brutalidade este nó górdio chamado realidade social, mais vale saber desembaraçar, com paciência, seus múltiplos fio entrelaçados". E o método compreensivo, destaca Maffesoli, é o mais apto a captar os matizes de um cenário complexo. Essa atitude questionadora ante os fatos, que intenta compreendê-los pela via das problematizações e hipóteses, atentando-se aos detalhes, manifesta-se como aspecto central das abordagens sociopolíticas das colunas de Eliane Brum.

A seguir, apresenta-se uma tabela com os dados coletados na pesquisa de campo junto ao *El País*. Nela, é possível verificar as dez colunas mais acessadas pelos leitores hispanos do diário em 2016. Seguindo as diretrizes do jornal, especificadas pelo diretor da edição de América, Luis Prados de la Escosura, a quantidade exata de acessos de cada texto não será divulgada. No entanto, destaca-se que as três colunas mais vistas, objeto do presente artigo, totalizam, juntas, mais de 35 mil usuarios únicos.

Tabela 1. Os 10 textos de Eliane Brum mais vistos no *El País América* em 2016.

Colunas de Eliane Brum 2016
Exhaustos-y-corriendo-y-dopados
Violación colectiva Brasil: entre la manipulación de la biblia y la posesión de la vagina
¿Todo inocente es un hijo de perra?
Sobre el aborto, la discapacidad y los límites
¿Quién necesita a Barbie, tenga el cuerpo que tenga?
El golpe y los golpeados
La casa es donde no se pasa hambre
Dilma compuso su réquiem en Belo Monte
Brasil llega a los juegos olímpicos sin rostro
Temer y los amos de la casa grande se engañan

Fonte: Dirección El País América.

Diante da crise do pensamento contemporâneo, indicada por Morin, os novos modos de refletir sobre o conhecimento humano e sobre a Comunicação apontam à uma prática profissional que, na linha das produções de Brum, “juntando e tecendo vozes e sentidos plurais, tentando perseguir as múltiplas causas e forças que regem os fatos da contemporaneidade”, contribuem a uma compreensão “mais humana e complexa do mundo, da sociedade e da história”. (Künsch, 2010, p. 24).

O que se evidencia, sob o horizonte epistemológico complexo-compreensivo, são as limitações e os obstáculos de um *modus operandi* jornalístico de tipo reduccionista. Afirmar-se, neste sentido, o potencial da narrativa de “reinventar os sentidos que reconstróem o cosmos em meio ao caos eterno da existência”. (Künsch, 2010, p. 27). Considera-se, assim, o cenário jornalístico assinalado pela possibilidade de produção de textos de tipo cósmicos, isto é, polifônicos e polissêmicos, de múltiplos significados e perspectivas.

Essa dinâmica narrativa parece estar presente nas colunas de Bruma o periódico *El País*, tomando como exemplo seu texto mais visto por leitores hispanos em 2016, “Exhaustos-y-corriendo-y-dopados”, que discute o modo de viver da sociedade contemporânea, uma sociedade do desempenho, refletindo sobre as contradições de uma época que alcançou a façanha de abrigar senhor e escravo no mesmo

corpo. Em um texto que se configura como universal – tratando de questões existenciais comuns a todos -, Brum discorre sobre trabalho, internet e redes sociais, delírios narcisistas e depressão – as marcas de nosso momento histórico:

Como en la época de la aceleración los años ya no comienzan ni terminan (...) estamos exhaustos y corriendo. Y la mala noticia es que vamos a seguir exhaustos y corriendo, porque exhaustos-y-corriendo se ha convertido en la condición humana de esta época. Y ya hemos notado que esa condición humana un cuerpo humano no la aguanta. Entonces, el cuerpo se ha convertido en una molestia, un apéndice incómodo, se queda ansioso, entra en pánico. Y, por eso, hemos dopado este cuerpo fallido, que se retuerce al ser sometido a una velocidad no humana. Nos hemos convertido en exhaustos-y-corriendo-y-dopados. (Brum, 2016).

E vincula essa realidade à crise do Brasil atual, alertando à necessidade de se escutar o mal-estar, e não calá-lo, de “vivirlo en un proceso de interrogación, vivirlo como movimiento. Cargar los límites, sin confundir tener límites con estar paralizado”. A coluna de Brum aponta para o fato de que tanta informação disponível por estar nos tornando ‘imbecis’, uma vez que nos retira os silêncios e possibilidades de contemplação. Novamente, identifica-se o interesse pelas indagações, por parte da jornalista, como o elemento que impulsiona seu fazer, suas pautas e investigações:

Llama la atención la necesidad de respuestas inmediatas, de explicaciones instantáneas, de certezas. En algunos momentos más agudos, una parte de la propia prensa parece haberse olvidado de hacer preguntas. La exigencia de respuestas inmediatas, de respuestas que no pasen por la investigación y por la interrogación, no conduce a ninguna respuesta. Porque no hay pregunta. Porque el pensamiento está ausente, ha sido sustituido por el reflejo y por el imperativo de rellenar el vacío con palabras. No hay mérito en la velocidad, nada inmediatos siguen siendo nada. (Brum, 2016).

Na dinâmica narrativa de Eliane Brum, desta forma, e sobretudo a partir de sua inserção como colunista no ambiente digital, evidencia-se a presença de tesituras densas, que privilegiam as conexões entre os fatos, sob uma atitude relacional que amplia contextos.

Tal qual identificado na análise da coluna “Exhaustos-y-corriendo-y-dopados”, o texto “¿Todo inocente es un hijo de perra?”, publicado em março de 2016, também reflete sobre dilemas contemporâneos, com um foco específico às questões relativas ao mal-estar de nosso tempo, tentando “ver lo que está por detrás de la trama de los días” (Brum, 2016a). Sua abordagem cerca nossos atos banais para demonstrar que “ningún acto de nuestra vida cotidiana es inocente” e que “el tiempo de las ilusiones ha llegado a su fin”.

A realidade atual, aponta Brum, é cada dia mais complexa, de modo que os gestos mais simples indicam “una decisión ética, y también una opción política”. Sua discussão atravessa a condição humana e sua relação com os outros: pessoas, animais e natureza. Trata dos sacrifícios que geramos a outras espécies “y también a los más frágiles de nuestra propia especie”: “millones de bueyes, gallinas, cerdos nacen solo para alimentarnos y viven en campos de concentración a los que les damos nombres mucho más digeribles. Son víctimas de holocaustos diarios sin que ni siquiera hayan tenido una vida” (Brum, 2016a).

E aprofunda o debate, questionando, da mesma forma que em uma dieta vegana, “¿cómo ignorar la deforestación, la destrucción de ecosistemas enteros y, con ellos, toda la vida que allí había?”. A argumentação se estende às vestimentas e até a atividades de lazer, como visitar um aquário. Nessa passagem, suas análises se entrecruzam com sua experiência pessoal e jornalística:

Me acuerdo de un reportaje que fui a hacer a un parque zoológico, planificado para ser divertido, y solo pude contar, entre otros horrores, que mantenían al babuino llamado Beto a base de valium para evitar que se arrancase pedazos de su propio cuerpo. Incluso dopado se lanzaba contra los barrotes, les tiraba heces a los visitantes y le pegaba a su compañera. Pinky, la elefanta, vivía sola. Sus dos compañeros habían muerto al caer en el foso cuando trataban de escapar del cautiverio. (Brum, 2016a).

A partir daí, o caminho narrativo ainda passa pelas questões do consumo energético, citando a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte – tema recorrente em sua cobertura jornalística -, por um olhar às dezenas de milhares de pessoas que perderam suas casas no rio Xingu, na Amazônia, e todas as consequências a esses povos e aos

indígenas: “un dedo en el interruptor y una cadena de muertes. Y ahora también ya sabemos eso”.

Face a esses dilemas, é possível notar a predileção de Brum por uma cobertura questionadora, que se aprofunda nas implicações contraditórias de um momento complexo que, como tal, exige uma mirada ao multidimensional, em diálogo com a proposta da epistemologia complexo-compreensiva:

Tal vez estemos, como una especie que piensa sobre sí misma, ante uno de los mayores dilemas éticos de nuestra historia. (...) ¿Quién es el inocente en un mundo donde la inocencia ya no es posible? ¿Sería el inocente el peor humano de todos? ¿Sería inocente un psicópata? (...) No es sencillo vivir conociéndose a sí mismo. Aquel que se mira en el espejo y se ve cargará esa autoimagen consigo. Y se convertirá en algo que ya no es lo mismo. (Brum, 2016a).

Seus escritos, neste sentido, ainda que partam de reflexões universais, atravessam questões específicas - políticas, culturais, jurídicas e ambientais, e o caminho pela outra via também se realiza, isto é, análises de fenômenos ou atores sociais que se ampliam em contextos, como no caso da coluna “Violación colectiva Brasil: entre la manipulación de la Biblia y la posesión de la vagina”. No texto, Brum parte dos protestos das mulheres contra a cultura da violência para tentar unir os “muchos puntos de los Brasiles que se mueven” (Brum, 2016b) na atualidade.

Discute, assim, a falsa polarização que marca o cenário político brasileiro, argumentando que o país “es mucho más complejo (...) más allá del impeachment vs. golpe”:

La oposición actual no es entre un Gobierno llamado “golpista” y un Gobierno que ya se ha presentado como “popular”. O entre la presidenta suspendida por el proceso de destitución y el vicepresidente que conspiró para derribarla. El choque es entre el Brasil que emergió de las manifestaciones de junio de 2013 y el Brasil que se aferra a los privilegios de clase, de raza y de género. Es esta la confrontación política más amplia que determina el curso de los días. (Brum, 2016b)

Discorre, então, sobre a crise de representação profunda, da política além dos partidos, de um Brasil que vai às ruas protestas contra o

genocídio da juventude negra, contra o sucateamento das escolas públicas, e que simboliza a “gran potencia creativa del momento”. Atravessa, ainda, as pautas do Congresso Nacional e as estratégias de ocupação da chamada “bancada evangélica”, “mucho más allá de religión” e sim de poder, “del control sobre los cuerpos de las mujeres”, da questão do aborto e de todas as demandas que emergiram dos protestos de 2013, e que a classe política não compreendeu.

Em todos os casos, evidencia-se a presença de pontos de entrelaçamento entre diferentes âmbitos. Alude-se, por isso, e considerando essas três colunas de Eliane Brum com maior repercussão entre os leitores hispanos, aos apontamentos do sociólogo Edgar Morin acerca do pensamento:

Ora, os problemas essenciais nunca são parceláveis, e os problemas globais são cada vez mais essenciais. Além disso, todos os problemas particulares só podem ser posicionados e pensados corretamente em seus contextos; e o próprio contexto desses problemas deve ser posicionado, cada vez mais, no contexto planetário (Morin, 2013, p. 14).

Em última instância, trata-se, sempre e por distintos percursos narrativos, de uma atitude jornalística que se abre a realidades e contextos, sob uma perspectiva complexa e compreensiva aos fatos e questões que marcam a sociedade contemporânea.

Considerações Finais

O trajeto de investigação desenvolvido neste artigo buscou contemplar o novo horizonte que se abre à carreira profissional de Brum e ao contexto jornalístico brasileiro. Apesar de recente, essa nova perspectiva internacional, manifesta com a tradução e publicação de seus textos às edições digitais do *El País* América e Espanha, permite refletir sobre a atual projeção do jornalismo brasileiro e sobre o interesse do público hispano por esse tipo de conteúdo.

A partir de entrevistas realizadas com profissionais do *El País* Espanha, América e Brasil, foi possível evidenciar as considerações e impressões dos jornalistas do diário acerca da narrativa de Brum, assim como compreender o cenário mais amplo que ambiente os diálogos entre o continente europeu e a América Latina. Neste sentido, é relevante destacar que a inserção de Brum no *El País* faz parte da estratégia editorial do periódico de se consolidar globalmente,

ofrecendo análises internacionais aprofundadas a seus leitores. Da mesma forma, ressalta-se também o potencial visto pelos diretores do *El País* no estilo narrativo de Brum – seus enfoques e a arquitetura jornalística de seus textos.

Por isso, a esses dados coletados na pesquisa de campo, entrelaçou-se um estudo interpretativo das colunas mais acessadas de Brum, a partir da epistemología complexo-compreensiva proposta por Künsch (2005), em articulação com outros autores. Conforme indicado neste artigo, é possível inferir que os textos de Brum que mais repercutiram internacionalmente apresentaram como traço comum a configuração complexa das narrativas, isto é, reflexões universais que se conectam a fatos contemporâneos específicos e discussões mais locais que se ampliam em contextos diversos.

Deste modo, avalia-se, como apontamentos iniciais, que o alcance internacional de Eliane Brum entrelaça-se à seu estilo narrativo singular – manifestó pela hibridação de géneros jornalísticos e por pautas e abordagens complexas, caracterizando uma cobertura divergente dos grandes meios de comunicação tradicionais.

Bibliografía

- Barca, A. (24 de janeiro de 2017). Entrevista sobre *El País* e colunas de Eliane Brum. (Tayane Abib, entrevistadora).
- Brum, E. (2013) *A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum*. Porto Alegre: Arquipelago Editorial.
- Brum, E. (24 de setembro de 2013). Entrevista “Foi uma decisão difícil, mas necessária”. (Edson Caldas, entrevistador).
- Brum, E. (2016). Exhaustos-y-corriendo-y-dopados. Recuperado de: <http://internacional.elpais.com/internacional/2016/07/05/america/1467744562_472863.html>
- Brum, E. (2016a). ¿Todo inocente es un hijo de perra?. Recuperado de: <http://internacional.elpais.com/internacional/2016/03/02/america/1456873655_707983.html>.
- Brum, E. (2016b). “Violación colectiva Brasil: entre la manipulación de la Biblia y la posesión de la vagina”. Recuperado de: <http://internacional.elpais.com/internacional/2016/06/09/america/1465505767_293633.html>
- Canavilhas, J. (2014). (Org). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2014.
- Curros, Ó. (23 de janeiro de 2017). Entrevista sobre *El País* e colunas de Eliane Brum. (Tayane Abib, entrevistadora).

- Escosura, L. (3 de fevereiro de 2017). Entrevista sobre *El País* e columnas de Eliane Brum. (Tayane Abib, entrevistadora).
- Ferrer, T. (01 de fevereiro de 2017). Entrevista sobre *El País* e columnas de Eliane Brum. (Tayane Abib, entrevistadora).
- Flores, J., y Esteve, F. (2009). (Eds). *Periodismo Web 2.0*. Madrid: Editorial Fragua.
- Cebrian, M. (2005). *Información multimedia: soportes, lenguaje y aplicaciones empresariales*. Madrid: Pearson Educación.
- Künsch, D. (2005). *Compreendo ergo sum: epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística*. *Communicare* (São Paulo), São Paulo, Brasil, v. 5, n. 1, pp. 43-54.
- Künsch, D., e Martino, L. (2010). *Comunicação, jornalismo e compreensão*. São Paulo: Editora Plêiade.
- Künsch, D., et al. (2014). *Comunicação, diálogo e compreensão*. 1. ed. São Paulo: Plêiade.
- Morin, E. (2002). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco.
- Morin, E. (2003). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2007.) *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina.
- Rizzi, A. (30 de janeiro de 2017). Entrevista sobre *El País* e columnas de Eliane Brum. (Tayane Abib, entrevistadora.)
- Salaverría, R. (2008) *Redacción periodística en internet*. España: Ediciones Universidad de Navarra (EUNSA).